



"Pépé-Le-Moko", de Julien Duvivier (1937).

(1934), *Golgotha* e *La Bandeira* (1935), *La Belle Équipe/Camaradas* e *Pépé-le-Moko* (1936); Harry Baur também em *Golgotha* (tão elogiado pelo elenco como pela plasticidade), *Le Golem/Golem*, o *Monstro de Barro* (1936), *Un Carnet de Bal/Carnet de Baile* (1937); Viviane Romance em *La Bandeira* e *La Belle Équipe*; Louis Jouvet em *Un Carnet de Bal*, *La Charrette Fantôme/O Fantasma da Esperança* (1939), *La Fin du Jour*...

Nessa época, *La Belle Équipe* sintetiza em seu título uma das melhores virtudes do cinema francês/1930-40: antes de ser um alvo da campanha promocional geradora da Nouvelle Vague, "la qualité française" resultava sobretudo das excelentes equipes de roteiristas, atores, cenógrafos, fotógrafos, musicistas, que permitiam a plena realização de cineastas como Carné, Renoir, Duvivier. *La Belle Équipe* representando o realismo popular (sem as demagogias sociopolíticas então geradas pelo Front Populaire); *Pépé-le-Moko*, provavelmente sua obra-prima, assinalando, de

par com salutar influência do filme de "gangsters" americano, o ápice do senso de atmosfera e de caracterização psicológica do diretor; *Un Carnet de Bal* marcando um clímax do lirismo amargo dessa Idade de Ouro do cinema francês — talvez sejam confirmados, numa revisão crítica, como os melhores trabalhos de Duvivier. Mas, além de outros grandes êxitos populares (*The Great Waltz/A Grande Valsa*, 1938), devem ser registradas as "réussites" de sua fase americana (*Tales of Manhattan/Seis Destinos*, 1942; *Flesh and Fantasy/Mistérios da Vida*, 1944), e os bons momentos posteriores à guerra (como *Panique/Pânico*, 1946; *Sous le Ciel de Paris*, 1950; *La Fête à Henriette/A Festa do Coração*, 1952). Não incluímos nessa lista o "favorito" confessado por Duvivier: *Marianne de ma Jeunesse/Mulher de Meus Sonhos*, 1954, com ponderáveis qualidades a serviço de uma poesia postíca. Nem os populárrimos filmes de evidente comercialismo baseados nos personagens de Guareschi (o padre e o deputado comunista), realizados na Itália: *Don*

Camillo/O Pequeno Mundo de Don Camillo, 1951), e *Il Ritorno di Don Camillo* (1953), com Fernandel e Gino Cervi. Aliás, sempre um narrador comunicativo, Duvivier conseguiria até nos trabalhos mais desprezíveis da última fase interessar o grande público. (A. S.)

Charles Bickford

Vítima de pneumonia, morreu no dia 9 de novembro, o ator Charles Bickford. Diziam os telegramas: "Depois de sofrer, em julho último, um ataque de enfisema pulmonar, Bickford foi hospitalizado; mais tarde a enfermidade se complicou com uma infecção no sangue — um amigo disse que até a hora de sua morte ele ainda era "duro e forte". Assim também ficou a lembrança deste ator: um forte! Desde 1929, quando iniciou sua car-

reira de ator de cinema, em *Dynamite/Bonecas de Lama* dirigido por Cecil B. De Mille. Ultimamente na condição de coadjuvante, em papéis marcados pela nobreza de caráter e de força humana; capaz de enfrentar com grandeza os problemas da vida, Charles Bickford era considerado um dos bons atores do elenco "hollywoodiano". Cabelos cor de fogo, alto, pele queimada e olhos penetrantes, o ator fez valer uma forte personalidade e uma simpatia rara. Morreu aos 78 anos de idade, ainda em atividade (estava atuando em televisão, no papel de um rude rancheiro da série "O Homem de Virgínia"), tendo deixado viúva a atriz Beatrice Loring, com quem se casou em 1919, e dois filhos, Rex e Doris. Nasceu a 1.º de janeiro de 1891, em Massachusetts, Cambridge, EUA. Escreveu um livro autobiográfico, "Bulls, Balls, Bicycles and Actors", onde narra com vivacidade sua vida de "lenhador, vagabundo, vendedor, exterminador de baratas, ator de teatro e de cinema". Entre os 80 filmes em que trabalhou destacam-se: *Anna Christie*, de Clarence Brown, com Greta Garbo (em 1929); *The Plainsman/Jornadas Heróicas*, de Cecil B. De Mille (1936); *Of Mice and Men/Carícia Fatal*, de Lewis Milestone (1940); *Reap the Wild Wind/Vendaval de Paixão*, de De Mille (1952); *The Song of Bernadette/A Canção de Bernadete*, de Henry King, com Jennifer Jones (1943); *Duel in the Sun/Duelo ao Sol*, de King Vidor (1947); *Woman on the Beach*, de Jean Renoir, com Joan Bennett (1947); *Brute Force/Brutalidade*, de Jules Dassin (1947); *Johnny Belinda/Belinda*, de Jean Negulesco, com Jane Wyman (1948) — nesta ocasião, candidatou-se ao Oscar de melhor coadjuvante, tendo perdido para Walter Huston, de *O Tesouro de Sierra Madre*; *A Star Is Born/Nasce uma Estrêla*, de George Cukor, com Judy Garland (1955); *The Big Country/Da Terra Nascem os Homens*, de William Wyler (1957). (C. F.)

Textos de MOVIMENTO foram redigidos por J. R. (Jaime Rodrigues), A. S. (Alfredo Sthodart), P. R. B. (P. R. Browne), M. H. (Maria Helena), C. F. (Carlos Fonseca), E. A. (Ely Azeredo).